

---

## **Introdução à filosofia**

*Jaspers*

Um sinal admirável do fato de que o ser humano encontra em si a fonte de sua reflexão filosófica está nas perguntas das crianças. Ouvem-se freqüentemente de seus lábios as palavras cujo sentido mergulha diretamente nas profundezas filosóficas. Eis alguns exemplos:

Um diz com espanto: “tento sempre pensar que sou um outro, e eu sou, apesar disso, sempre eu”. Ele atinge assim ao que constitui a origem de toda certeza, a consciência do ser no conhecimento de si. Ele permanece tolhido diante do enigma do eu, este enigma que nada permite resolvê-lo. Ele estaciona aí, diante deste limite, ele interroga.

Um outro que escutava a história da gênese: “No começo Deus criou o céu e a terra...”, logo perguntou: “Que havia então antes do começo?” Ele descobria assim que as questões se engendram até o infinito, que o entendimento não conhece limites em suas investigações e que, para ele, não existe resposta verdadeiramente concludente.

Uma menina faz um passeio: à entrada de uma clareira, contam-lhe história de duendes que ali dançam à noite. “Mas no entanto eles não existem...” Falam-lhe, então, de coisas reais, fazem-na observar o movimento do sol, discute-se a questão de saber se é o sol que morre ou a terra que gira. Criam-se razões para acreditar na forma esférica da terra e em seu movimento de rotação... “Mas isto não é verdade, diz a menina batendo o pé, a terra não gira. Só acredito no que vejo.” Replicam-lhe: “Então não acreditas em Deus, pois também não o vê”. A pequena parece interrogar-se e depois responde resolutamente: “Se ele não existisse, nós não estaríamos aqui”. Ela tinha se surpreendido diante da realidade do mundo: ele não existe por si mesmo e ela compreendia a diferença que há entre um objeto que faz parte do mundo e uma questão concernente ao ser e nossa situação no todo.

Uma outra criança vai fazer uma visita e sobe uma escada. Ela toma consciência do fato de que tudo muda sem cessar, que as coisas fluem e passam como se não tivessem existido. “Mas deve haver qualquer coisa de sólido. Eu subo aqui agora numa escada para ir à casa de minha tia, isto eu quero reter”. Sua surpresa e seu terror diante do devir universal e da desintegração do todo fazem-na procurar a qualquer preço uma saída.

Poder-se-á constituir toda uma filosofia infantil, colecionando-se passagens como estas. Alegar-se-á talvez que as crianças repetem o que ouvem de seus pais e de outros adultos; esta objeção é sem valor quando se trata de pensamentos tão sérios. Dir-se-á ainda que estas crianças não desenvolvem a reflexão filosófica e que, portanto, não pode haver aí entre elas senão o efeito de um acaso. Negligenciar-se-ia então um fato: elas possuem freqüentemente uma genialidade que se perde logo que se tornam adultos. Tudo se passa como se, com os anos, não entrássemos na prisão das convenções e das opiniões corrente das dissimulações e dos preconceitos, perdendo, no mesmo golpe, a espontaneidade da criança, receptiva a tudo que traz a vida que se renova para ela a todo instante. Ela sente, vê, interroga, e depois tudo isso logo se lhe escapa. Ela deixa cair no esquecimento o que foi um instante a ela revelado e mais tarde ficará surpresa quando lhe contarem o que dissera perguntara. O homem não pode passar sem a filosofia. Ela também está presente em toda a parte e sempre, sob uma forma pública nos provérbios tradicionais, nas fórmulas de sabedoria popular, nas opiniões admitidas, por exemplo, na linguagem dos enciclopedistas, nas concepções políticas e sobretudo desde o início da história dos mitos. Não se escapa à filosofia. A única questão que se coloca é a de saber se ela é consciente ou não, boa ou má, confusa ou clara. Aquele que a rejeita, ainda assim, afirma uma posição filosófica sem que tenha consciência disso.

**VERGEZ, A. e HUISMAN D. História dos Filósofos. Rio de Janeiro : Freitas Bastos, 1976.**